

**O CONTO “O ESPELHO” DE MACHADO DE ASSIS
E OS VEÍCULOS CULTURAIS DE COMUNICAÇÃO:
O JORNAL, O LIVRO E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

Fabiana da Costa Ferraz Patueli (UERJ)
fpatueli@hotmail.com

RESUMO

O conto “O Espelho” de Machado de Assis foi publicado pela primeira vez, em 8 de setembro de 1882, na *Gazeta de Notícias*. No mesmo ano, o conto foi editado no volume *Papéis Avulsos*. Assim, após um século de canonização literária do autor, suas obras passam a ser adaptadas para a linguagem quadrinhística. Em uma primeira análise: o periódico, o livro e a história em quadrinhos (HQ), como produtos culturais de suas respectivas épocas, trazem consigo seus próprios códigos simbólicos, inerentes à sociedade e as suas práticas de leitura. Daí, interpor tais produtos, frutos do relacionamento humano com o mundo, como objetos de significação. Nos quais se imprimiram o conto “O Espelho”, tornando suas perspectivas de leituras diferentes, mesmo que se trate da mesma obra.

Palavras-chave: Conto. Machado de Assis. Jornal. Livro. Histórias em quadrinhos.

O conto “O Espelho” de Machado de Assis foi publicado pela primeira vez, em 8 de setembro de 1882, na *Gazeta de Notícias*.

No final do mesmo ano, o conto foi editado no volume *Papéis Avulsos* pelos Srs. Lombaerts, junto a outros onze contos, que também foram primeiramente publicados em periódicos, entre 1875 a 1882: “O Alienista”; “Teoria do Medalhão”; “A Chinela Turca”; “Na Arca”; “D. Benedicta”; “O Segredo do Bonzo”; “O Anel de Polycrates”; “O Empréstimo”; “A Sereníssima República”; “Uma Visita de Alcibiades” e “Verba Testamentária”.

Assim, após a consolidação da crítica literária sobre a obra machadiana, que se deu no século XX, seus textos passaram a ser adaptados para a linguagem quadrinhística. Precisamente, em 2002, a partir da adaptação do conto “Pai Contra Mãe” pela Universidade de Juiz de Fora (UFJF-MG), que foi publicado em *Contos em Quadros 1*.

Todavia, as adaptações das obras literárias de Machado de Assis para história em quadrinhos (HQ) somente ganharam maior fôlego com a publicação da série “Literatura Brasileira em Quadrinhos”, da editora Escala Educacional. Esta coleção abrangeu as adaptações das seguintes obras: “O Alienista”, “A Cartomante” e “A Causa Secreta”, em 2006;

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

“Memórias de Brás Cubas”, em 2008; “Uns Braços” e “O Enfermeiro”, em 2010. Consequentemente, surgiram outras editoras no mercado editorial que também adaptaram as obras machadianas, tal como a Ática, a Peirópolis e Mercuryo Jovem.

O conto “O Espelho” em história em quadrinhos, foi publicado em 2012, na coleção “Clássicos Realistas/HQ” da Mercuryo Jovem, com a adaptação de Jeosafá e desenhos de João Pinheiro.

Nesse ensejo, consideramos tais adaptações das obras de Machado de Assis como produtos de cultura, frutos do relacionamento humano com o mundo. Ou melhor, como objetos de significação sobre os quais se performatizaram as obras literárias, tornando suas perspectivas de leituras diferentes.

Assim, em uma primeira análise: o periódico, o livro e a história em quadrinhos, como produtos culturais de suas respectivas épocas, trazem consigo seus próprios códigos simbólicos, inerentes à sociedade e às suas práticas de leitura. Neste caso, consideramos a definição de cultura de Iuri Mikhailovich Lotman, em “Sobre o Problema da Tipologia da Cultura”: “[...] conjunto de informações não hereditárias, que as diversas coletividade da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem”. (LOTMAN, 2010, p. 31)

Assim, discurremos pelos suportes que permitiram a transmissão e a recepção do conto “O Espelho” em suas respectivas épocas, elencando o *modus operandi*.

Da publicação do conto “O Espelho” no jornal *Gazeta de Notícias* para o livro, ambas publicados no mesmo ano, foram poucas as modificações textuais que podemos pontuar. No quadro abaixo, segue a exemplificação das diferenças textuais existentes entre as versões:

Edição na <i>Gazeta de Notícias</i> (8 set. 1882)	Edição em <i>Papéis Avulsos</i> (1882)
p. 1, 2ª coluna, l. 18-21: [...] Essa alma exterior póde ser um espírito, um fluido,/ um homem, muitos homens, um objecto,/ uma operação. [...]	p. 243, l. 21-23: [...] A alma exterior póde ser um espírito, um/ fluido,/ um homem, muitos homens, um objecto, uma/ operação. [...]
p. 1, 4ª coluna, l. 57-58: [...] Os factos explicarão/ melhor as cousas ; os factos são tudo. [...]	p. 248-249, l. 27 e l. 3: [...] Os factos explicarão melhor os/ sentimentos ; os factos são tudo. [...]

Todavia, independente das modificações textuais que poderíamos encontrar cotejando ambos os textos, estamos analisando os referidos su-

portes escritos como veículos de comunicação de cultura, nos quais, o jornal e o livro possuíam suas respectivas finalidades primárias, imbuídos das regras de composição editorial de sua época, mas que agora viriam servir de testemunhos à transmissão da obra machadiana.

Assim, ao jornal é resguardada a efemeridade diária, tonando-se um lugar propício ao diálogo sobre as questões do momento. Características essas defendidas por Machado de Assis em suas crônicas, por exemplo, em “A Reforma pelo Jornal”, que foi publicada no jornal *O Espelho*, em 23 de outubro de 1859:

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem, simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa e criadora, mas é o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão.

E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *status quo*, de todos os falos princípios dominantes. Desde que uma coisa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda. (ASSIS, 2009, p. 60)

Outra questão é a percepção do jornal, quanto ao seu todo, como produto de seu tempo, que guarda resquícios da sociedade da época, na qual a impressão de um texto literário não escapa, mas, converge. Pois, o seu leitor o lerá, como lerá: “OBITUÁRIO” (lista de sepultamentos); “GAZETINHA” (pequena nota sobre leilão); “INDICADOR DE LEILÕES” (anúncios de atuais e futuros leilões); “AVISOS” (pequenas notas de anúncios de consertos de relógio, vendas de roupas, de médicos de variadas especialidades, venda de talheres, notícias do correio, pregação do Evangelho e venda de romance de Lermina na própria tipografia do periódico); “PUBLICAÇÕES A PEDIDO” (propagandas; comentários e denúncias de cidadãos e comerciantes com uso de pseudônimos ou não); “ALMANAK” (relação de médicos, oculistas, parteiras, advogados e artigos para dentista); “DECLARAÇÕES” (anúncios de festas, espetáculos de gremiações e confraternizações de irmandades, assembleias das associações e sociedades, e avisos); “AVISOS MARITIMOS” (de saídas de vapores de carga e passageiros); “ANNUNCIOS” (pequenos anúncios de venda, anúncios de trabalhos e de consertos em geral, de regularização de documentos para casamentos, alfaiataria de fardamentos, anúncio de hotel, notas de óbitos); e “PARTE COMMERCIAL”, relacionados aos “VAPORES ESPERADOS” e “VAPORES A SAHIR”.

Nessa perspectiva, se no periódico, fazem parte da mancha tipográfica outros textos, além do literário, pelos quais os olhos do leitor des-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

lizarão, podemos concluir que a publicação do jornal por si só se torna diferente da publicação em livro. Tendo em vista que se trata de um veículo de comunicação de massa, que possui seus próprios códigos signícos, que organiza e dissemina a obra literária.

E como cultura de massa, o periódico tem a peculiaridade de alcançar maior número de pessoas, de *status* social diferente, o que podemos depreender das próprias palavras de Machado de Assis:

Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal, reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. (ASSIS, 2009, p. 60)

Devido essas características do periódico (diálogo diário, intertextualidade, pluralidade de leitores), em uma comparação mais acirrada entre “O Jornal e o Livro”, que foi publicado no *Correio Mercantil*, em 10 e 12 de janeiro de 1859, Machado de Assis deixa claro a sua predileção editorial na época:

O livro era um progresso; preenchia as condições do pensamento humano? Decerto; mas faltava ainda alguma coisa; não era ainda a tribuna comum, aberta à família universal, aparecendo sempre com o sol e sendo como ele o centro de um sistema planetário. A forma que correspondia a estas necessidades, a mesa popular para a distribuição do pão eucarístico da publicidade, é propriedade do espírito moderno: é o jornal. (1994, não paginado)

Decerto, o jornal atinge um público leitor maior do que às impressões de um livro, pelo qual nossos olhos de leitores encontram um frescor. Isto, porque ao ler um livro, devido à robustez de seu conjunto, a prática de leitura se difere:

[...] o corpo do leitor é uma livre escolha e uma imposição, pois revela atitudes-modelo, ou tipos (semelhantes aos modelos da distinção, de determinismos biológicos, de um dispositivo adequado ao próprio gênero do livro, mas também de uma liberdade em que intervém, em uma medida que lhe é adequada e que não pode ser quantificada, o singular. (GOULEMOT, 2001, p. 109-110).

Mas, de maneira geral, sobre o impresso recaem as regras de constituição e de comercialização, pertinentes ao mercado editorial de sua época e de seu gênero, que longe do controle do autor, também são responsáveis pela transmissão e pela recepção do texto literário. Por isso, Roger Chartier, em “Do Livro à Leitura”:

[...] não considera mais o impresso como um suporte neutro, nem como uma unidade válida para ser colocada em série, mas como um objeto cujos elemen-

tos e estruturas remetem, de um lado, a um processo de fabricação cujas dificuldades eram grandes na época da composição manual e da impressão manual e, de outro, a um processo de leitura ajudado ou derrotado pelas próprias formas dos materiais que lhe é dado a ler [...]. (CHARTIER, 2001, p. 96)

E nesse processo editorial, muitos são os códigos simbólicos envolvidos na reprodução de uma obra literária:

[...] trazidas pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto [...] efeitos maiores sobre as próprias significações atribuídas às obras [...]. (CHATIER, 2001, p. 97)

Já o livro *Papéis Avulsos*, foi o volume no qual foi editado o conto “O Espelho”, cujo pai, o autor, fez assentar à mesa os contos familiares entre si: “[...] Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa” (ASSIS, 1882, p. I, grafia atualizada).

Com essa advertência de Machado de Assis, o conto “O Espelho” é posto obrigatoriamente em interlocução com os textos que fazem parte do mesmo volume. Novamente, o todo, neste caso em formato livro, também tem sua projeção simbólica condicionada por seu instrumento de veiculação cultural.

Não obstante, a história em quadrinhos possui uma singularidade quanto às modalidades já mencionadas (o periódico e o livro). Pois, trata-se de um misto entre o desenho, as onomatopeias, o texto falado escrito, e a narrativa escrita.

A história em quadrinhos possui uma linguagem própria, evidentemente, diferente da narrativa operada nos demais veículos de comunicação. Mas que sob o signo da adaptação, normalmente é relegada ao espaço do entretenimento pueril e juvenil. Ou seja, não alcança a glória artística das demais mídias, sobretudo, em detrimento ao formato do texto originário.

Por cultura do hábito, preterimos à primeira versão de uma obra literária, sob a qual circundam uma importância demasiada, que nunca poderá ser superada. Mais, mesmo que esse fosse o caso, não podemos deixar de considerar a adaptação literária para os quadrinhos como uma retomada do frescor, que outrora falamos ser possível ao jornal. Isto, porque não sentamos diante da história em quadrinhos de forma sisuda

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ou carrancuda, pois o corpo se posiciona defronte ao suporte de leitura, tal como o hábito cultural nos demanda.

Figura 1: Quadro do Conto “O Espelho” em HQ, p.41



Em detrimento dessas diferentes edições do conto “O Espelho”, concluímos ser possíveis enquanto obras autônomas, por se tratarem de atualizações que só o tempo exige nas relações culturais.

Destarte, a adaptação do texto literário, tal como a história em quadrinhos, é uma performance textual, cujos leitores assim exigem e de maneira nenhuma quer subjugar o formato originário, mas também não pode ter seus efeitos menosprezados, enquanto expressão cultural em sua época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts &C., 1882.

_____. *A cartomante*. Contos de Machado de Assis. Roteiro, desenhos e arte final de Jo Fevereiro. Cores de Jo e Ciça Sperl. São Paulo: Escala Educacional, 2006. [HQ]

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *A causa secreta*. Contos de Machado de Assis. Roteiro e desenhos de Francisco S. Vilachã. Cores de Fernando A. Rodrigues. São Paulo: Escala Educacional, 2006. [HQ]

_____. *A mão e a luva*: em quadrinhos. Adaptação: Alex Mir. Ilustração: Alex Genaro. São Paulo: Peirópolis, [20-?]. [HQ]

_____. A reforma pelo jornal. In: FARIA, João Roberto. (Org.). *Machado de Assis: o espelho*. Campinas: Unicamp, 2009, p. 59-62.

_____. *Conto de escola*: em quadrinhos. Adaptado por Silvino. São Paulo: Peirópolis, 2010. [HQ]

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Roteiro e ilustrações de Sebastião Seabra. São Paulo: Escala Educacional, 2008. [HQ]

_____. *O alienista*. Contos de Machado de Assis. Roteiro e desenhos de Francisco S. Vilachã. Cores de Fernando A. Rodrigues. São Paulo: Escala Educacional, 2006. [HQ]

_____. *O enfermeiro*. Contos de Machado de Assis. Roteiro e desenhos de Francisco S. Vilachã. Cores de Fernando A. Rodrigues. São Paulo: Escala Educacional, 2010. [HQ]

_____. O jornal e o livro. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, vol. III. Disponível em:
<<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macrc13.pdf>>.
Acesso em: 10-10-2015.

_____. *Uns braços*. Contos de Machado de Assis. Roteiro e desenhos de Francisco S. Vilachã. Cores de Fernando A. Rodrigues. São Paulo: Escala Educacional, [2010?]. [HQ]

CAVALCANTE, Djalma (Org.). *Contos em quadros*: 1. Adaptado por Célio Lima e desenhos de J. Rodrigues. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2002.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: _____. (Org.). *Práticas da leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1882.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 107-116.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

JEOSAFÁ. *O espelho de Machado de Assis em HQ*. Adaptado por Jeosafá. Roteiro e desenhos de João Pinheiro. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2012. [HQ]

LOTMAN, Iuri Mikhailovich. Sobre o problema da tipologia da cultural. Trad.: Lucy Seki. In: SCHNAIDERMAN, Boris. (Org.). *Semiótica russa*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 31-41.